



**Ponto Urbe**

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

23 | 2018

**Ponto Urbe 23**

---

## Cosme e Damião: o enredo de uma cidade

Lucas Bártolo

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5839>

DOI: 10.4000/pontourbe.5839

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Lucas Bártolo, « Cosme e Damião: o enredo de uma cidade », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 24 junho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5839> ; DOI : 10.4000/pontourbe.5839

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 Junho 2019.

© NAU

---

# Cosme e Damião: o enredo de uma cidade

Lucas Bártolo

---

## Doces Santos

- 1 No Rio de Janeiro, a devoção aos santos Cosme e Damião tem a sua principal expressão na festa do dia 27 de setembro<sup>1</sup>. Nessa data, milhares de crianças percorrem as ruas e bairros do Rio e Grande Rio em busca dos saquinhos de doces e brinquedos distribuídos em homenagem aos santos gêmeos, principalmente por adeptos do catolicismo e das religiões afro-brasileiras. As crianças *correm atrás de doce*<sup>2</sup> em grupos constituídos por vizinhos, colegas de escola e/ou parentes; e podem estar sob a supervisão de pelo menos um adulto ou adolescente mais velho que os acompanha. Os grupos transitam por ruas, praças, casas, vilas, igrejas católicas, terreiros de umbanda e candomblé, entre outros espaços nos quais a data é festejada. Nesse deslocamento, as crianças percorrem áreas da cidade que não frequentam rotineiramente, classificando os lugares como *fortes* ou *fracos* a partir da quantidade e qualidade dos doces que conseguem pegar.
- 2 O caráter festivo do Dia de Cosme e Damião instaura outra temporalidade e altera a dinâmica das relações socioespaciais da cidade, levando a uma circulação extraordinária de coisas e pessoas cujo caráter é tanto lúdico quanto religioso. Desde 2013, a pesquisa Doces Santos<sup>3</sup> tem se dedicado a compreender essa devoção no Rio de Janeiro e a sua principal manifestação – a distribuição dos *saquinhos de Cosme e Damião* –, focalizando as dimensões da reciprocidade, das relações inter-religiosas e dos fluxos urbanos articulados pela celebração dos santos gêmeos (MENEZES, 2013).
- 3 Considerando o intenso trânsito religioso desses santos, faz-se necessário ressaltar que, de acordo com a tradição católica, os gêmeos Cosme e Damião teriam sido médicos anárgiros<sup>4</sup> que realizavam curas milagrosas na Síria, durante o século III. Por fazerem dessa prática uma profissão da fé cristã, levando à conversão daqueles que eram curados, Cosme e Damião foram martirizados pelo Império Romano. <sup>5</sup> Tendo suas vidas e milagres

marcados pela cura dos enfermos, o culto aos santos Cosme e Damião se desenvolveu na Europa vinculado às práticas médicas.

- 4 No contexto da diáspora africana nas Américas, o culto aos santos gêmeos foi associado ao culto africano à gemelaridade; destacando-se, em terras brasileiras, a hibridização<sup>6</sup> entre Cosme e Damião e os orixás Ibejís<sup>7</sup>, protetores dos gêmeos na tradição ioruba. Nesse processo de articulação, tanto a função quanto a imagem de Cosme e Damião foram redefinidas. Os santos passam a estar ligados à infância, sendo considerados protetores não só dos gêmeos, mas das crianças de maneira geral. Em sua estatuária, Cosme e Damião adquiriram formas infantis<sup>8</sup> e um novo personagem foi acrescido à sua imagem, como uma miniatura dos gêmeos, posicionada entre eles. Sendo três os irmãos: Cosme, Damião e Doum<sup>9</sup> – este, uma versão popularizada do termo iorubá *Idowú*, nome que se dá ao irmão nascido após os gêmeos Ibejís (LIMA, 2005; MONTES, 2011). E, como nos lembra Freitas (2015:29), é na festa que a infantilização dos santos, materializada em sua estatuária, ganha as ruas, uma vez que as homenagens com distribuição de doces, brinquedos e/ou caruru vinculam intimamente Cosme, Damião e Doum às crianças.
- 5 Associados aos orixás e infantilizados, os santos passaram a integrar panteões religiosos diversos, ultrapassando os limites do catolicismo, tornando-se presentes em religiões de matriz africana (candomblé, umbanda, batuque etc.) e também religiões ayahuasqueiras (santo daime e barquinha). No entanto, esse trânsito religioso  
[...] não implica que eles sejam os mesmos personagens em cada um deles. Estabelecem-se jogos de redefinição entre nome, forma e características desses entes que podem resultar em configurações bastante distintas ao passarmos de um contexto a outro (MENEZES, 2016:5).
- 6 Presente em diferentes tradições religiosas, a devoção a esses santos pode assumir configurações diversas, acompanhando as redefinições locais e cosmológicas. Se, por exemplo, a tradição baiana de celebrar o 27 de setembro se caracteriza pela oferta do caruru a uma rede circunscrita de pessoas no âmbito da casa ou do terreiro (CASCUDO, 1999; LANDES, 2002 LIMA, 2004), no Rio de Janeiro, o culto a Cosme e Damião se singulariza pelo protagonismo que a distribuição dos saquinhos de doces assume, realizando-se fundamentalmente enquanto uma grande brincadeira pelas ruas – embora perpassando casas, mercados e templos – tomadas por grupos de crianças em busca das prendas (LOPES, 2012; POEL, 2013). Em sua dissertação de mestrado – um dos resultados do projeto Doces Santos –, Morena Freitas, a partir de sua etnografia acompanhando os grupos de crianças que corriam atrás de doce, produz uma síntese das diferentes modalidades de celebrar o dia 27 de setembro no Rio de Janeiro:

Quando os doces são dados em saquinhos eles podem ser distribuídos do portão de casa ou na rua, onde podem, ainda, ser dados a pé ou de carro. [...] Nas praças vemos a festa acontecer de várias formas. Quando não se quer distribuir os doces no portão de casa, ir até a praça – a pé ou de carro – é uma boa opção, pois por lá sempre se encontram crianças. [...] Uma outra forma de festejar os santos é ofertando uma mesa com bolos e doces. Esta parece ser uma prática um pouco menos recorrente que os saquinhos, pelo menos nas festas domésticas – afinal, nos centros espíritas ou de umbanda as mesas com bolos e guaraná parecem estar sempre presentes. A mesa de doces é uma festa que toma contornos de festas de aniversário infantil e os doces aqui costumam ser servidos em pratinhos. [...] os santos também são festejados nas igrejas. Na cidade do Rio de Janeiro existem duas igrejas dedicadas aos santos: a paróquia de São Cosme e São Damião, localizada no bairro do Andaraí, e a Igreja ortodoxa de São Cosme, São Damião e São Jorge, em Olaria. Nas igrejas os santos são festejados em missas, carreatas e, como não poderia deixar de ser, com

doces – muitas pessoas vão distribuir seus saquinhos em frente às igrejas ou mesmo dentro delas (FREITAS, 2015:4-5).

- 7 Falamos, portanto, de uma prática lúdica e religiosa tradicional da cidade, cuja literatura sugere ter sido iniciada na primeira metade do século XX. Não é sem razão que Menezes (2016:8), ao considerar a relevância dessa atividade festiva na vida social e cultural do Rio de Janeiro, argumenta que “o conhecimento envolvido na produção, distribuição e consumo de Saquinhos de Cosme e Damião poderia ser considerado uma espécie de patrimônio fluminense”<sup>10</sup>.
- 8 No curso da pesquisa Doces Santos, fomos levados a fazer trabalho de campo em outra festa intimamente ligada à cidade do Rio de Janeiro, pois soubemos que os santos seriam tematizados no enredo de uma escola de samba – a Renascer de Jacarepaguá – no carnaval de 2016. De imediato, a notícia despertou nosso interesse em pensar o desfile enquanto um discurso simbólico sobre a realidade (MATTA, 1997), o que poderia evidenciar representações latentes e ideias naturalizadas sobre os personagens Cosme e Damião; tornando-se um lugar privilegiado para a compreensão das concepções em torno desses santos e da devoção a eles. Afinal, o carnaval se mostra um lugar de acesso privilegiado às questões pertinentes ao contexto sociocultural e político mais amplo (GONÇALVES, 2003; CAVALCANTI, 2006). Seguimos também os caminhos percorridos por Augras (1998) que, atenta ao imaginário social pertencente ao campo da cultura popular brasileira, analisou a construção de um Brasil nas representações veiculadas nos sambas-enredos. A seguir, com base em alguns dados e reflexões desenvolvidos em minha dissertação de mestrado (BÁRTOLO, 2018), veremos que tipos de narrativas e representações sobre Cosme e Damião foram produzidas, tentando compreender o lugar atribuído aos santos na cultura e sociedade brasileiras, através de sua tematização no carnaval carioca.

## O enredo de Cosme e Damião

- 9 Os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro são competições que estão organizadas hierarquicamente em seis grupos, o Grupo Especial e os chamados grupos de acesso: Série A; Série B; Série C; Série D; Série E. A cada ano, algumas escolas são rebaixadas e outras ascendem de grupo. Enquanto a campeã da Série A desfilará pelo Grupo Especial no ano seguinte, a última colocada da Série E é rebaixada a Bloco de Enredo. Essas competições são organizadas por associações formadas pelas agremiações.
- 10 O Grupo Especial e a Série A – eventualmente chamada de Série Avenida – são organizados, respectivamente, pela Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro (LIESA) e pela Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIERJ), enquanto os demais grupos de acesso estão sob os cuidados da Liga Independente das Escolas de Samba do Brasil (LIESB). Nos que diz respeito aos desfiles, os do Grupo Especial e da Série A acontecem no sambódromo<sup>11</sup> localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, no centro da cidade. Os desfiles dos outros grupos de acesso são realizados na Estrada Intendente Magalhães, no subúrbio carioca, especificamente no bairro de Campinho.
- 11 Para desenvolver seu desfile, as escolas apresentam a cada ano um enredo; isto é, um tema que fundamentará a concepção das diferentes formas expressivas e materiais que surgirão no cortejo, operando como um roteiro, tanto para a apreciação do público, como para a avaliação dos jurados. Construídas quase sempre a partir de negociações entre

diferentes agentes da agremiação e o carnavalesco, as narrativas produzidas nos enredos são potencialmente originais e devem ser apresentadas em sinopses escritas, que podem ter gêneros discursivos diversos – poema, crônica, letra de música, narrativa cronológica etc.; sinopses que servirão de base para o trabalho de coreógrafos, compositores, mestres de bateria, figurinistas, alegoristas e aderecistas na construção das múltiplas dimensões do cortejo.

- 12 No carnaval de 2016, a Renascer de Jacarepaguá – uma agremiação da Série A – homenageou os santos católicos Cosme e Damião e os orixás Ibejís, protetores dos gêmeos na tradição iorubá, que se hibridizaram em terras brasileiras. O enredo **Ibejís – Nas brincadeiras de criança: Os orixás que viraram santos no Brasil** surgiu a partir de uma negociação entre o presidente da escola, que havia sugerido tematizar as “tradicional brincadeiras de crianças” por um viés saudosista, e o carnavalesco Jorge Caribé, que acatou a sugestão, reformulando-a em diálogo com o amplo universo simbólico e estético negro-africano, no qual encontra a sua especialidade<sup>12</sup>. Pela associação que têm com crianças e orixás no universo religioso brasileiro, Cosme e Damião mediaram a negociação entre o presidente e o carnavalesco, atuando como espécie de dobradiça semântica<sup>13</sup> ao articular dois eixos temáticos distintos: o *afro* e o *infantil*. Como explicou Caribé:

No Brasil São Cosme e São Damião são os padroeiros das crianças. Todo mundo sabe que a história dele é outra porque ele veio da medicina. Eu encontrei o pezinho no São Cosme e Damião para poder falar sobre os meus orixás africanos e dos meus Ibejís, que são divindades gêmeas na África, filhos de Iansã (CARIBÉ, 2016).<sup>14</sup>

- 13 A escola, que desfilou com dois mil componentes, apresentou seu enredo com vinte alas e quatro carros alegóricos, uma para cada setor que organizava a narrativa, como podemos ver no quadro abaixo. No primeiro setor, a "África ancestral" foi apresentada em alas, como a das divindades gêmeas e das “matriarcas sacerdotisas do reino de Oyó”, que era a ala das baianas. No setor seguinte, “Orixás que viraram santos no Brasil”, o enredo percorreu o universo do "sincretismo religioso"<sup>15</sup>, espalhando pelas alas suas diversas expressões, como a oferta de caruru, os saquinhas de doce, a festa do dia 27 de setembro, as entidades da umbanda e a quitanda de erê<sup>16</sup>. Ao longo das alas do terceiro setor, encontramos as brincadeiras infantis tradicionais que estariam ameaçadas pela modernidade, como amarelinha, carrinho de rolimã e boneca de pano. Nesse percurso saudosista, os bailes infantis de carnaval são lembrados como parte da infância que se perdeu, de modo que as alas que encerram o desfile representavam as fantasias que seriam usadas pelas crianças nas “matinês de carnaval esquecidas nas esquinas da memória”, como piratas, índios e clóvis.

				(Sentido do cortejo)
Setor 1 Majestosa África e seus mistérios	Setor 2 Orixás que viraram santos no Brasil	Setor 3 As brincadeiras da festa	Setor 4 Os Ibejis no carnaval – A matiné	
Nas Brincadeiras das Crianças (Comissão de Frente)	Caruru de Crispim (Ala 03)	Carrinho de Rolimã (Ala 08)	Índios (Ala 13)	
Itaô e Canindê (1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira)	Quitanda de Erê (Ala 04)	A Rainha das Cores (Rainha de Bateria)	Piratas (Ala 14)	
I B E J I S (Grupo de Estandartes)	Mariazinha da Beira da Praia (Ala 05)	Meninos da Folia (Ala 09 - Bateria)	Clóvis (Ala 15)	
Crianças Gêmeos Idênticos” (Ala 01)	Pedrinho e o Cavalo de Ogum (Ala 06)	Bonecos de Pano (Ala 10 - Passistas)	Soldadinhos de Chumbo (Ala 16)	
Matriarcas Sacerdotisas do Templo dos Ibejis – Reino de Oyó (Ala 02 - Baianas)	Pra criança renascer... (2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira)	Jogando Amarelinha (Ala 11)	Bailarinas (Ala 17)	
Ibejis, Abikus e Imerês - Crianças Especiais da África. (1º Carro Alegórico ou Carro Abre-Alas)	Dou doce mamãe Iemanjá (Ala 07)	Brincadeiras de criança (3º Carro Alegórico)	O Baile (4º Carro Alegórico)	
	Salve Cosme e Damião! (2º Carro Alegórico)		Guardiões (Ala 18 - Velha Guarda)	
			Grupo de Mestres-salas e Porta-bandeiras Mirins (Ala 19)	
			Cirandeiros (Ala 20 - Compositores)	

- 14 Nota-se que o enredo inverte a narrativa hegemônica em torno de Cosme e Damião ao assumir uma perspectiva afro-referenciada. Se comumente as referências falam de santos católicos que no Brasil se infantilizaram ao se associarem aos orixás gêmeos meninos (MONTES, 2011; FREITAS, 2015), a Renascer iniciava seu enredo na África para falar dos "orixás que viraram santos no Brasil". Essa inversão deslocava o foco irradiador da devoção do cristianismo para a religião dos orixás. É importante ressaltar como toda essa narrativa é menos evolutiva do que a linearidade do cortejo parece sugerir. Se o enredo nos fala da origem do culto aos orixás Ibejis, é importante ressaltar que essa narrativa é tanto diacrônica quanto sincrônica, tanto mítica quanto histórica. Embora o enredo verse sobre os orixás vindos da África, remetendo ao processo histórico da vinda forçada de negros escravizados, ele também nos fala de uma ancestralidade africana presente nos terreiros brasileiros atuais
- 15 Ao longo dos quatro setores do desfile, a associação fundante do enredo entre santos, orixás e crianças não foi rompida, sobretudo pelo tratamento de brincadeira infantil atribuído a todas essas manifestações associadas ao culto a Cosme e Damião. Não se trata de negar o caráter religioso dessas manifestações, mas de reconhecê-las enquanto festas e brincadeiras populares:
- Quem nunca correu para pegar um saco de doce? Quem jamais fez travessuras de Erê? E quem nunca foi a uma festa de Cosme e Damião? Os irmãos gêmeos ganharam a forma de São Cosme e São Damião, o culto se espalhou, conquistou um dia no calendário religioso e fincou de vez raiz como forma de manifestação popular.<sup>17</sup>
- 16 Além disso, por meio da ideia de brincadeira, estabeleceu-se uma aproximação entre carnaval e criança como contrapontos às normas, seriedade e autoridade (BAKTHIN, 1987). Burke (1989), por exemplo, já havia apontado a aproximação entre carnaval e juventude, já que esse período festivo seria o "símbolo de rejuvenescimento, de volta à liberdade dos anos anteriores à idade da razão" (Ibid:215). A síntese dessa relação está na

ideia difundida entre membros da escola e foliões de que aquele carnaval seria a ocasião para os adultos *brincarem o carnaval como criança*. Em outros termos, a performance desse enredo na avenida consistia em performar um modelo de comportamento infantil fundamentado em valores produzidos por meio do enredo, tais como leveza, pureza, alegria, irreverência, inocência, travessura. Um modelo que englobaria as muitas crianças desse desfile: ibejís, erês, Cosme e Damião, as crianças do futuro, as de antigamente, aquelas que correm atrás de doces e a criança que há dentro de cada adulto.

- 17 Ao trazer a noção de brincadeira como expressão lúdica e divertida, a Renascer falou do carnaval como quem se refere às festas de ibejada, assim como não fez claras distinções entre as brincadeiras de erê e de criança; e as festas dos santos eram também lembranças da infância. Da mesma forma, é importante pensar o culto aos Ibejís e a devoção a Cosme e Damião, apesar do movimento de orixás que se tornaram santos, não como elementos que se sucedem, mas que coexistem e por vezes se confundem. Em linhas gerais, o enredo, sobretudo em sua dimensão performada, não só conectou santos, orixás e crianças numa estrutura narrativa, mas os amechou na articulação entre religião, brincadeira e carnaval.
- 18 Nesse desfile, a brincadeira também foi central na apresentação do enredo pela comissão de frente, cuja performance consistia na transformação de duas crianças gêmeas nos santos Cosme e Damião. A comissão coreografada por Rafael Félix trouxe quinze bailarinos; destes, quatorze representavam “crianças comuns do dia-a-dia com bastante cor e felicidade”<sup>18</sup>, sendo que duas eram crianças gêmeas<sup>19</sup>. O décimo quinto bailarino performava Doum, “a representação infantil que veste uma indumentária de uma criança africana por ser o erê de paz e mensageiro dos orixás, como diz o próprio samba”. Seguindo o roteiro dessa performance apresentado no Livro Abre-Alas:

Em frente ao jurado, Doum se deparará com algumas das tradicionais brincadeiras infantis, a amarelinha, a ciranda, o pique-esconde, a cabra cega... Todas mostradas através da dança. Ele pula, brinca, dança junto com as crianças, sobretudo, envolvendo e sendo envolvido pelas energias invisíveis dos Ibejís, divindades que regem a alegria, a ingenuidade e a inocência. Para finalizar, se farão presentes os grandes homenageados da noite: São Cosme e São Damião.

- 19 A cada uma das quatro cabines de julgadores distribuídas pelo sambódromo, a comissão realizava sua apresentação na íntegra. Na maior parte, os bailarinos caracterizados como crianças exibiam uma coreografia ancorada nos movimentos da dança contemporânea, mas inspirada nas técnicas corporais das brincadeiras infantis. Ao final da coreografia, que durava cerca de três minutos, Doum se ajoelhava para que os bailarinos retirassem de sua aljava guarda-chuvas que, quando abertos, tinham o formato espiralado de um pirulito. Na sequência da coreografia, os bailarinos formavam uma roda em torno dos personagens gêmeos, que eram ocultados sob os guarda-chuvas abertos. Quando a roda era desfeita e os guarda-chuvas se fechavam, dela não saíam as crianças gêmeas de antes, mas os santos Cosme e Damião vestidos com túnicas verde e vermelha e trazendo à mão a palma do martírio, como na iconografia católica, enquanto, ao fundo, outros bailarinos desenrolavam uma faixa com os dizeres: Salve São Cosme e São Damião!



O personagem Doum executa uma dança solo enquanto a transformação das crianças em santos, sob os guarda-chuvas, mobiliza os demais bailarinos.

**AUTORIA:** André Melo-Andrade/Facebook Portal Academia do Samba.



Após a transformação, os santos saúdam os jurados, enquanto os demais bailarinos mostram reverência.

**AUTORIA:** André Melo-Andrade/Facebook Portal Academia do Samba.

- 20 A transformação de crianças em santos atendia às exigências do quesito, pois um dos aspectos avaliados numa comissão de frente é a sua capacidade de “impactar positivamente o público, no momento da apresentação da Escola”<sup>20</sup>. Não está em jogo apenas apresentar criativa e artisticamente o enredo, mas emocionar os espectadores ao fazê-lo. Jan Oliveira, ator e bailarino que representou São Cosme<sup>21</sup> nessa comissão, nos fala dos gritos de fervor e emoção vindos da plateia durante sua apresentação;



sublinhando a especificidade do público que frequenta os desfiles da Série A, contrapondo-o aos espectadores do Grupo Especial:

Eu ouvia os gritos da arquibancada, muitos, muitos gritos. [...] uma coisa que as pessoas esquecem muito é que o público do acesso é muito nosso. É comunidade, é Rio, entendeu? É torcedor. O público do especial tem muito turista, então a torcida um pouco esfria. É claro que tem carioca, torcedor, mas tem muito turista. Tem gente que não é torcedor, que tá ali pra contemplar e não pra torcer. Tem grito. Mas se fosse Cosme e Damião, essa comissão no especial, o grito de fervor, de emoção não seria tão bonito quanto ver um Aladdin voando. Entendeu? O Aladdin voando é universal. O gringo vai ver e vai vibrar. [...] Agora, ver criança se transformando em Cosme e Damião, o gringo vai ver e vai ser “Ah...”. Não vai dar aquele grito. Aí ele “Quem é Cosme e Damião?”. Eles não vivenciam essa religião<sup>22</sup>.

- 21 A diferença entre os públicos sugerida pelo bailarino nos permite pensar tanto nas camadas de codificação que um desfile tem, quanto nas possibilidades de encantamento e emoção que ele produz. Para Jan, a Série A receberia um público majoritariamente identificado com as escolas de samba e com a cidade de forma geral, seriam torcedores e membros das comunidades das próprias agremiações; distinguindo-se dos turistas que vão ao sambódromo para contemplar o espetáculo do Grupo Especial. À especificidade de cada público somam-se as desiguais condições de produção de que dispõem as escolas do Especial e Série A, embora tenham parâmetros artísticos bastante aproximados.<sup>23</sup>



**ALADDIN EM SEU TAPETE SOBREVOANDO A AVENIDA AOS OLHOS DO PÚBLICO.**

Autoria: MARCO ANTÔNIO TEIXEIRA/UOL.

- 22 Os casos trazidos por Jan são exemplares dessa disparidade. No Carnaval de 2017, a comissão de frente da Mocidade Independente de Padre Miguel, no Grupo Especial, apresentou o voo de Aladdin em seu tapete mágico por meio de um aeromodelo com a imagem 3d do ator em tamanho real<sup>24</sup>. Além da impressão de que o ator estava voando num tapete sobre a avenida, tratava-se de um personagem da literatura árabe amplamente adaptado e difundido pela literatura infantil. A dimensão espetacular dessa comissão impactava no público tanto pelo criativo efeito ilusório possibilitado por

recursos tecnológicos, quanto por sua temática universal facilmente identificável pelos espectadores.

- 23 No caso da Renascer, a atuação de bailarinos munidos de guarda-chuvas e apresentando um tema com apelo 'local' pode ser menos impactante do ponto de vista espetacular do que apresentações com recursos tecnológicos e referências universais. No entanto, pela força do culto a Cosme e Damião na cidade, o efeito da transformação de crianças em santos sob guarda-chuvas em forma de doce se potencializa quando o público decodifica essa performance não apenas pelo registro do espetáculo, mas pela chave da tradição. A transformação teatral da comissão emocionava e despertava o fervor do público da Série A porque a associação entre os santos e as crianças, e a sua celebração, é uma tradição da cidade. E o público se encanta, como disse Jan, uma vez que *vivenciam essa religião*, não por serem todos devotos, mas porque são fortemente identificados com o Rio de Janeiro e reconhecem a sua dimensão lúdico-sagrada instaurada a cada 27 de setembro pelo trânsito extraordinário de crianças, doces e devotos em celebração aos santos gêmeos.
- 24 De certa forma, o enredo em si, para além de sua performance na comissão, também trazia a ideia de celebração a Cosme e Damião como uma tradição da cidade, na medida em que se pretendia, naquele desfile, produzir uma identificação com o público fazendo-o lembrar a infância e brincar o dia 27 de setembro na avenida. E não é sem razão que, ao longo de todo o cortejo, identificávamos, sob formas carnavalescas, personagens e modalidades devocionais que havíamos encontrado em nosso trabalho de campo no projeto Doces Santos. Essa dimensão englobante de Cosme e Damião no desfile se deve ao protagonismo desses santos que, pela primeira vez – mesmo assim acompanhados dos Ibejís – se tornaram enredo de um desfile na Sapucaí.
- 25 Os santos já haviam integrado outros enredos, porém não como os principais homenageados, mas como personagens acionados para compor narrativas sobre outros temas. Trataremos de alguns desses enredos a seguir, ressaltando aqueles que associaram Cosme e Damião à identidade carioca.

## Cosme e Damião nos enredos

- 26 Para tratar da forma pela qual Cosme e Damião têm sido tematizados no carnaval carioca, me debruçarei sobre os Livros Abre-Alas<sup>25</sup>. Trata-se de uma espécie de dossiê ou libreto explicativo, entregue anualmente aos jurados com informações detalhadas acerca da proposta e das justificativas do desfile de cada agremiação, quesito a quesito, numa tentativa de subsidiar o julgamento que será feito, o que revela a sua vinculação à dimensão competitiva da festa. Pelas informações que contém, o Livro Abre-Alas é uma fonte importante para o entendimento das muitas dimensões que perpassam o desfile, à medida em que destaca os itens a serem avaliados de forma textualizada e performados ritualmente.
- 27 Aqui, acionarei um levantamento em torno dos enredos apresentados no Grupo Especial entre os anos de 1991 e 2017. Tal recorte se deve ao período contemplado pelos Livros Abre-Alas que estão disponíveis para consulta no acervo do Centro de Memória da Liga Independente das Escolas de Samba<sup>26</sup>. Pela inexistência de uma série completa de registros dos carnavais da LIERJ, aciono apenas os materiais de 2016 e 2017 da Série A, cujos Livros estiveram disponíveis via internet durante o desenvolvimento da pesquisa.

- 28 Nesse período, ocorreram 27 carnavais em que foi apresentado um total de 373 enredos no Grupo Especial. Dentre estes, em apenas 12 encontramos menções aos santos gêmeos ou aos personagens aos quais se associam no universo religioso brasileiro<sup>27</sup>. No que concerne aos 28 enredos apresentados na Série A entre 2016 e 2017, registramos três enredos passando o assunto.

ANO	AGREMIÇÃO	ENREDO
1991	União da Ilha do Governador	De Bar em Bar. Didi um Poeta
1993	Caprichosos de Pilares	Não existe pecado do lado de cá do Túnel Rebouças
1994	Acadêmicos do Grande Rio	Os Santos que a África não viu
1994	Acadêmicos do Salgueiro	Rio de lá pra cá
1997	Beija-Flor de Nilópolis	A Beija-Flor é festa na Sapucaí
2003	Mocidade Independente de Padre Miguel	Pra sempre no seu coração – Carnaval da Doação
2007	Acadêmicos do Grande Rio	Caxias, o Caminho do Progresso – Um Retrato do Brasil
2009	Beija-Flor de Nilópolis	No Chuveiro da Alegria, quem banha o corpo, lava à alma na folia.
2012	Portela	“... E o povo na rua cantando... É feito uma reza, um ritual...”
2015	Unidos do Viradouro	Nas veias do Brasil, é a Viradouro em um dia de graça!
2016	Estação Primeira de Mangueira	Maria Bethânia – A menina dos Olhos de Oyá
2016	Renascer de Jacarepaguá	Ibejis – Nas brincadeiras de criança: Os orixás que viraram santos no Brasil...
2017	Estação Primeira de Mangueira	Só com a ajuda do santo
2017	Unidos do Viradouro	E todo menino é um rei
2017	Unidos de Padre Miguel	Ossain – O poder da cura

- 29 Em minha dissertação, analisei cada um desses quinze enredos, alargando a sua dimensão literária para considerar a totalidade do material textual produzido pelas escolas e publicado nos Livros Abre-Alas, cujo conteúdo é padronizado em “formulários preenchidos pelos representantes das agremiações, quesito por quesito<sup>28</sup>, com detalhes que ajudam os julgadores a consolidarem a sua avaliação, apresentados à opinião pública somente após os desfiles”<sup>29</sup>.
- 30 Por ora, contento-me em apontar que esse esforço analítico encontrou uma variedade de narrativas nas quais estavam inseridos os santos Cosme e Damião e as demais divindades associadas a eles, como os Ibejis, erês e ibejadas. Em nenhum dos casos, no entanto, os personagens apareceram como protagonistas do enredo – isto é, como dimensão englobante de um desfile – de modo que foram acionados em trechos de sinopse ou da letra de um samba, em uma fantasia de ala ou em uma alegoria – desempenhando um papel que estamos chamando aqui de dobradiças semânticas. Nos enredos, a partir de Cosme e Damião, falou-se sobre infância, cultura e religiosidade popular, prática médica, africanidade, comida e Rio de Janeiro – relações que revelam um complexo campo semântico articulado em torno dos santos. Aqui, gostaria de chamar a atenção para as narrativas carnavalescas que sugeriam uma relação intrínseca entre os santos e a cidade.
- 31 Nas primeiras ocorrências de nossa amostra, ainda na década de 1990, nota-se a menção aos santos em enredos com abordagens cômicas e satíricas que versam, de forma mais geral, sobre o Rio de Janeiro. Em 1991, a União da Ilha homenageou o compositor Gustavo Baeta Neves, o popular Didi, em enredo que abordava a importância do botequim na

cultura carioca, **De Bar em Bar – Didi um Poeta**, de autoria de Ely Frongilo e Rogério Figueiredo. Entre a vida do boêmio, que também era procurador federal, e a ode aos botequins, os santos foram mencionados na sinopse do enredo numa descrição desses espaços fundamentais da sociabilidade carioca:

[...] Servindo tira gostos sofisticados, ou tradicionais sanduíches de mortadela, ovo cozido ou peixe frito, tendo como decoração paredes de acrílico ou ingênuos painéis do mestre Nilton Bravo, São Jorge Guerreiro ou Cosme Damião, iluminados por lâmpadas vermelhas e, sempre incontáveis galhos de arruda, comigo-ninguém-pode, espada de São Jorge e empoeiradas samambaias de plásticos, os bares, botecos e botequins cariocas são o refúgio tranquilo onde as pessoas, independente de sua classe social, vão à procura de uma convivência informal e relaxada, um lugar onde se observa a salvo, o grande burburinho e a batalha constante da cidade.<sup>30</sup>

- 32 No cortejo, a homenagem se deu na ala das baianas, que, além das balas penduradas em suas saias, traziam em cada torso uma imagem dos santos gêmeos:

Exuberantes nas cores vermelhas, branca e azul, as baianas exaltam o misticismo e a crença do carioca nos santos gêmeos: Cosme e Damião - presença quase obrigatória nos bares do subúrbio do Rio. Os espíritos infantis trazem a proteção e a alegria que toma conta dos bares. Roda baiana pra Ilha, chegou o seu dia!<sup>31</sup>

- 33 Protagonizando o carro alegórico que sucedeu essa ala, havia uma grande escultura de Cosme e Damião, no mesmo padrão iconográfico da imagem no torso das baianas. Na defesa do desfile, o “Carro Cosme e Damião” foi apresentado da seguinte forma: “Salve Cosme e Damião, protetor dos erês! Fascínio da criançada, sempre grudada nos balcões dos bares, em busca de balas, refrigerantes e outras guloseimas”.<sup>32</sup>

- 34 Aqui, os santos gêmeos compõem uma narrativa sobre o que seria um *espírito carioca*, no sentido de uma identidade da cidade e de seus habitantes, que se conforma em torno dos bares e botequins. No setor do desfile em que homenageou bares célebres, os santos foram apresentados, juntos de São Jorge, como santos de devoção dos frequentadores dos botequins. Enquanto o santo guerreiro aparece como um protetor desses estabelecimentos, a *alegria* característica dos bares é relacionada aos espíritos infantis dos santos gêmeos. Por essa associação, o enredo, a partir dos santos, fala ainda das crianças que buscam por refrigerantes e doces nas bancadas dos bares.

- 35 Em 1993, apesar de não terem sido representados visualmente no cortejo, Cosme e Damião foram mencionados no argumento do enredo da Caprichosos de Pilares sobre o subúrbio carioca, **Não existe pecado do lado de cá do túnel Rebouças**, do carnavalesco Luiz Fernando Reis. Nesse carnaval, os santos aparecem a partir de sua celebração no dia 27 de setembro, considerada parte do calendário festivo suburbano, junto a datas como as festas juninas e a Festa da Penha. A referência é feita no primeiro quadro do histórico do enredo, “Os Costumes Suburbanos”:

O suburbano é, sem dúvida, um bicho Festeiro; é casamento, é batizado, é quinze anos, tudo é pretexto para comemorar, bebemorar, é claro. Se é junho ou julho é festa junina, se é setembro, São Cosme e São Damião, se é outubro, Festa da Penha ou mesmo num mês qualquer um já raro festival de chope, encontro de canecos [...].

<sup>33</sup>

- 36 No ano seguinte, 1994, o enredo salgueirense **Rio de lá pra cá**, do carnavalesco Roberto Szaniecki, acompanha o que vimos na União da Ilha e na Caprichosos. No enredo sobre a conformação do *famoso jeitinho carioca*, a devoção aos santos gêmeos aparece novamente como uma manifestação tradicional da cidade, especialmente como parte de seu calendário festivo. A nona alegoria desse desfile, intitulada “Rio em Festa”, trouxe “os costumes que o Rio conseguiu transformar em festas tradicionais tais como: festas

juninas, Carnaval, festa de Iemanjá e Cosme e Damião”. E a 38ª ala, fantasiada de “Festa de Cosme e Damião”, representou a celebração “originada das festas afro-brasileiras para as crianças”.

- 37 Os enredos sobre a cidade, ou ainda, sobre o seu calendário festivo não eram uma novidade nos desfiles das escolas de samba, como exemplifica o fato de já em 1967 o desfile do G.R.E.S. Unidos de Lucas intitular-se **Festas Tradicionais do Rio de Janeiro**. No entanto, entre as festas listadas, como a das Canoas, de São Sebastião e da Penha, não encontramos menção naquele carnaval ao dia 27 de setembro. Nota-se que, embora nosso levantamento tenha mostrado referências a Cosme e Damião ao longo das últimas três décadas de carnavais, é nos anos 1990 que encontramos as narrativas que vinculam mais diretamente esses personagens à identidade carioca, sobretudo pela importância de sua celebração no calendário festivo da cidade; o que parece acompanhar a inflexão que Augras (1998) identifica ao analisar os sambas-enredo de 1997. Comparando com o conjunto temático e simbólico recorrente nos desfiles de duas décadas antes, a autora sinaliza que, nos anos de 1990, os sambistas teriam multiplicado em suas composições as referências às festas em geral e ao Rio de Janeiro:



**FIGURA 02 – CAMPO SEMÂNTICO ARTICULADO EM TORNO DE COSME E DAMIÃO E RIO DE JANEIRO.**

- 38 Vemos, portanto, como os santos estiveram presentes em enredos que tematizavam o Rio de Janeiro, especialmente o subúrbio e a identidade carioca. E, na medida em que eram acionados, diversos elementos eram articulados a essas narrativas, formando um conjunto de representações que organizamos graficamente na imagem acima. Essa constelação semântica nos permite visualizar o enredamento entre os santos e a cidade no imaginário construído e atualizado pelas formas narrativas e expressivas carnavalescas. Com ênfase no caráter festivo que essa devoção assume, quando a cidade é mobilizada para a distribuição dos saquinhos de doce às crianças, os enredos nos falam de uma forte tradição da cidade, inserindo o dia 27 de setembro no calendário festivo do Rio de Janeiro, junto a outras celebrações, como a Festa de Iemanjá, o Carnaval e a Festa da Penha. A alegria e a diversão atribuída aos santos pela expressão lúdica de sua devoção e sua relação com as crianças também aparecem como características do *espírito carioca*. E pelo trânsito religioso desses santos, destacando principalmente a relevância da umbanda nessa festa, falou-se não só em Cosme e Damião, mas nos erês e em Doum. Se os saquinhos de doces são a dimensão mais pública e ritual dessa relação com o Rio de Janeiro, a referência aos altares de botequins joga luz para sua relação com uma sociabilidade mais cotidiana, porém igualmente brincante e vinculada à identidade carioca, relacionando os gêmeos a outros santos de expressiva devoção na cidade, como São Jorge.

## Ainda sobre enredos

- 39 Apesar da década de 1990 se destacar pelas tematizações específicas sobre a cidade, é nos anos de 2010 que encontramos a maior profusão de enredos acionando o imaginário em torno de Cosme e Damião; e desde 2015 esses personagens têm sido tematizados anualmente em enredos de narrativas diversas, que versam desde infância à África e à negritude<sup>34</sup>. Nesse sentido, é exemplar que, ao se tornarem enredo na Renascer, os santos tenham articulado essas duas temáticas.
- 40 Cosme e Damião estiveram presentes, embora sem o status de protagonistas, nos últimos três carnavais da Mangueira, todos assinados pelo carnavalesco Leandro Vieira. Ao olharmos para esses carnavais mangueirenses, veremos como os santos acompanham um deslizamento temático da própria escola. Em 2016 e 2017, nossos personagens aparecem como "santos populares queridos no Brasil" em dois enredos que apresentam uma continuidade entre si e que consistem numa proposta de interpretação da identidade nacional a partir de sua cultura e da religiosidade popular.
- 41 Primeiro, no enredo sobre **Maria Bethânia - A menina dos olhos de Oyá**, os santos compuseram o setor do cortejo que falava dos "orixás e santos de altar" ao apresentar a homenageada enquanto uma devota brasileira e baiana. Segundo o enredo, "Bethânia transita entre o catolicismo e a religião afro-brasileira de maneira bem próxima ao modo que a cultura popular os une: o pertencimento a uma não significa a exclusão da outra".<sup>35</sup> Na ala das crianças, a fantasia que representava os "santos guris", enfatizando a tradição baiana de caruru de Cosme e Damião, adquiriu um caráter lúdico ao vestir uma dupla de crianças com uma mesma casaca, ressaltando a dimensão da gemelaridade e a ambiguidade dos santos e orixás meninos.
- 42 No ano seguinte, o enredo **Só com ajuda do Santo** desdobrou o tema da devoção popular, enfatizando mais a escala nacional do que o universo do recôncavo baiano, para construir uma "abordagem carnavalesca que apresenta um painel de nossa cultura religiosa". Nele, teria lugar especial o culto aos santos gêmeos e os seus doces, representados nesse desfile pela ala das baianas, cujas saias rodadas foram ornadas com os tradicionais saquinhos de Cosme e Damião. Diz a descrição da fantasia:
- Hoje, a tradição dos doces de "Cosme e Damião" está indissolúvel na cultura religiosa brasileira. Católicos, Umbandistas, Candomblecistas, celebram os santos através da prática da distribuição de guloseimas.<sup>36</sup>
- 43 Já em 2018, vemos o deslocamento da narrativa mangueirense sobre a cultura e a religiosidade do país para um enredo de protesto versando sobre o significado da própria festa carnavalesca, redimensionando também a pretensão de produzir uma interpretação da identidade nacional para uma reflexão com ênfase na escala local. O enredo **Com dinheiro ou sem dinheiro eu brinco**, proposto pelo carnavalesco Leandro Vieira, se inseria na onda de reações às medidas restritivas para o carnaval adotadas pelo prefeito do Rio de Janeiro e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella; mas também mirava nos mandatários das agremiações que, ao ameaçarem cancelar os desfiles devido ao corte de verba, estariam subordinando os princípios foliões da festa às preocupações financeiras.
- 44 Nesse sentido, o enredo ressaltou o caráter essencialmente brincante e lúdico dos desfiles das escolas de samba, abordando ainda outras expressões do carnaval carioca como os

blocos e cordões, afirmando-os como "valores próprios da cultura da cidade em meio a uma gestão municipal que sufoca manifestações culturais de caráter afro-brasileiro e tenta implementar uma política de domesticação da festa e do espaço coletivo das ruas". Nesse desfile, Cosme e Damião estiveram presentes no carro alegórico que tematizava os botequins como espaços da cidade onde a brincadeira se instaura de forma generalizada sem prescindir de vultuosos investimentos financeiros. A exemplo do que vimos nos anos 1990, os santos reaparecem numa narrativa mais explícita sobre a identidade da cidade. Presentes nos altares dos botecos, Cosme e Damião são padroeiros desses locais que sediam rodas de samba, concentração de blocos carnavalescos e brincadeiras cotidianas; espaços privilegiados de afirmação dos valores lúdicos constitutivos do "espírito livre carioca" de que nos fala o enredo.

45 Em outra ocasião, analisamos de forma mais aprofundada esse enredo manguereense e o contexto no qual ele se insere, marcado pela presença pública da religião em debates sociais e políticos atuais, o que nos levou a pensar o carnaval como uma arena privilegiada de disputas sobre religião e cultura (MENEZES & BÁRTOLO, 2018). Aqui, vale ressaltar a ideia de que os desfiles das escolas de samba seriam uma arena em que os enredos não só refletiriam os debates travados em torno desses temas, mas eles mesmos seriam meios de disputá-los. Esse deslocamento de questões, dos desfiles enquanto modalidade expressiva e narrativa da devoção para uma arena de disputa e de reconfiguração das relações entre religião, cultura e identidade nacional, nos levou à abertura de um novo projeto de pesquisa, intitulado *Enredamentos entre Religião e Cultura no Carnaval Carioca*<sup>37</sup>.

46 Enquanto uma das principais manifestações culturais do país, as escolas de samba são agentes atuantes no contexto sociocultural e político em que estão imersas; e os desfiles, meio fundamental de sua ação, se afirmam como espaços de reflexão e de interpretação da sociedade brasileira (CAVALCANTI, 2015; AUGRAS, 1998). Como nos lembram Simas & Fabato (2015:14):

Ao mesmo tempo, dotadas de notável capacidade de assimilação e transformação, as agremiações acabam influenciando essa mesma conjuntura. Não são, portanto, vítimas passivas do contexto ou condicionadas acriticamente por ele: são, antes, agentes ativas da história, interferindo dinamicamente no tempo e no espaço em que estão inseridas.

47 À luz dessas ideias, ao passarmos os olhos sobre os carnavais mais recentes, destacam-se enredos que se assumem como manifestos e também como formas de oração e homenagem aos santos e orixás, se posicionando acerca da intolerância religiosa, das injustiças e das desigualdades sociais, das ameaças ao lúdico e à liberdade em seu sentido mais amplo. O próprio enredo da Renascer, ao homenagear Cosme e Damião e os Ibejís em seu enredo, clamava a essas divindades pelo futuro das crianças e pela preservação da infância:

É por isso que clamamos a toda a patota de Cosme, Crispim e Crispiniano... A fé nas mãos caridosas de Ibejada é a mesma fé que temos no poder de cura dos irmãos médicos Cosme e Damião e nas travessuras de Doum, o mensageiro dos orixás... Esta fé acredita que o futuro é uma criança que necessita de todos os cuidados para que possa crescer em seu determinado tempo e que jamais esqueça que ser criança não é uma questão de idade e sim de pureza, inocência, bondade e amor...<sup>38</sup>

48 Em 2016, também desfilaram homenagens a São Jorge<sup>39</sup>, Ogum<sup>40</sup> e Iansã<sup>41</sup>. Destaca-se, ainda naquele ano, o enredo proposto por Max Lopes à Viradouro pela Série A<sup>42</sup>, de combate à intolerância religiosa, "motivado, sobretudo, pelos dramáticos conflitos étnicos

e religiosos que assolam o ventre da Mãe Terra”, como consta a justificativa no livro *Abre-alas*. Pedindo a união dos povos e o fim do que chamou de *guerra santa*, o recado era dado explicitamente no samba: “Brasil, Cuidado com a Intolerância...”.

- 49 Depois, em 2017, em enredo sobre o orixá Ossain<sup>43</sup>, a Unidos de Padre Miguel reconhece, ao justificar seu carnaval, que “um enredo deve préstimos ao seu tempo. Desta ligação nascem sua funcionalidade e possibilidades de interpretação”. E, então, afirma que seu enredo para aquele carnaval “tem como berço o conturbado cenário nacional e internacional” e opta pela “afirmação da cultura afro-brasileira dos terreiros de Candomblé e Umbanda”<sup>44</sup>. É nesse sentido que, ao fazer de seu carnaval uma *prece-desfile-homenagem* a Ossain, a escola da Vila Vintém pediu a *cura* para a restauração do equilíbrio e da paz entre as diferenças.
- 50 Nesse horizonte de desfiles que se propõem a debater o lugar do religioso na vida social, é ainda mais significativo que, em 2018, no mesmo ano em que integraram o carnaval de protesto mangueirense, Cosme e Damião tenham se tornado novamente protagonistas de um enredo, dessa vez apresentado num dos grupos de acesso da Intendente Magalhães, pela escola Flor da Mina do Andaraí. O enredo **Hoje tem doce! Hoje Tem Cosme! Tem alegria! Tem Damião! É dia de festa no Andaraí!**<sup>45</sup> narra a festa do dia 27 de setembro pela perspectiva de uma criança correndo atrás de doces no bairro da zona norte carioca em que está sediada a agremiação e a Paróquia de São Cosme e São Damião. Esse enredo se singulariza porque toda sua narrativa é construída ressaltando o deslocamento das crianças do Andaraí que percorrem morro e asfalto, casas e ruas, terreiros, igreja e a quadra da escola de samba em “um dia mágico” que “também é dia de fé e devoção”, como diz a sinopse<sup>46</sup>.

## Enredando

- 51 De certa forma, podemos dizer que este artigo também consistiu num deslocamento em torno dos santos gêmeos, acompanhando o percurso de nossas pesquisas, da devoção ao carnaval. Inicialmente, tratamos de algumas dimensões do projeto *Doces Santos*, apresentando nossos personagens e a especificidade de sua tradicional celebração no Rio e Grande Rio com a distribuição dos *saquinhos de Cosme e Damião*. A partir do enredo de 2016 da Renascer de Jacarepaguá, seguimos para o Carnaval Carioca, interessados na tematização da devoção pelas múltiplas formas expressivas e narrativas do desfile carnavalesco. Percebendo as muitas camadas de codificação que um enredo tem, vimos como a tematização dos santos nesse carnaval emocionou o público por sua identificação com a cidade.
- 52 Desdobrando essas questões, trouxemos os Livros *Abre-Alas* para compreender quais narrativas haviam sido produzidas em torno de Cosme e Damião ao longo do Carnaval Carioca. Esse movimento nos mostrou como os enredos acionam e reinventam um complexo imaginário em torno de nossos personagens, com especial destaque para sua relação com a cidade. Finalmente, ao nos debruçarmos sobre enredos mais recentes, percebemos como os santos integravam narrativas que dialogavam com questões socioculturais e políticas mais amplas, de modo que os desfiles podem ser compreendidos enquanto uma arena para além da competição festiva, cujos debates se dão de forma lúdica e carnavalesca.



- 53 A imagem que o enredo da Flor da Mina evoca, ao falar de um percurso lúdico pelos espaços da cidade em um dia mágico, nos sugere uma aproximação entre o *desfile* das escolas de samba pela avenida e as crianças que *correm atrás de doce* pelas ruas. Falamos de duas modalidades de deslocamento ritualizado marcadas pelo caráter festivo e brincante, cuja dimensão rítmica e estética rompe com a rotina da vida social e instaura outra experiência do tempo-espaço urbanos (MATTA, 1997; CAVALCANTI & GONÇALVES, 2010). Assim, na medida em que se deslocam, as escolas que desfilam e as crianças que correm atrás de doce inventam o espaço festivo e reinvestem o mundo de novos sentidos; nos termos de Isambert (1992), fazem do imaginário o próprio quadro da realidade.
- 54 Se vimos como os enredos ressaltam a vinculação de Cosme e Damião e seu culto à identidade do Rio de Janeiro, é extremamente significativo que os santos sejam acionados pelas escolas de samba para disputar os sentidos da festa carnavalesca e debater o lugar da cultura e da religiosidade na cidade. Seguindo Ferreira (2005), que nos fala da sintaxe inerente aos cortejos carnavalescos, podemos pensar também no enredo implícito no deslocamento das crianças que correm atrás de doces; uma experiência lúdica e religiosa do espaço urbano que se realiza no trânsito entre muitos domínios, borrando as fronteiras entre o público e o privado, o sagrado e o profano, a vida adulta e a infância. Cosme e Damião são o enredo de uma cidade em que a fé e a festa sempre foram um meio de resistência, de brincadeira e de inversão.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Eugênio. Os temas-enredos das pequenas escolas de samba cariocas. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 149- 164, nov. 2010.
- AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- AUGRAS, Monique. **Todos os Santos São bem-vindos**, Rio de Janeiro: Pallas, 2005 [1937], p.93-96.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. Carnival and the Carnavalesque. In: STOREY, John. **Cultural Theory and Popular Culture: A Reader**. Georgia: University of Georgia Press, 1997, p. 250-259.
- BÁRTOLO, Lucas. **O enredo de Cosme e Damião no carnaval carioca**. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGAS/MN, 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- BURKE, Peter. “O mundo do carnaval”. In:\_\_\_\_\_. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CARVALHO, Augusto da Silva. **O culto de S. Cosme e S. Damião em Portugal e no Brasil. História das sociedades médicas portuguesas**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, I vol., p. 1-64.
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile**. 3ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. "Cultura, Festa e Patrimônio". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias. (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, Barcarolla, Discurso Editorial, 2010, v. 1, p. 259-292.

FALCI, Miridan. Doença e religiosidade. IN: HONORATO, C.T; CIRIBELLI, M.C.; SILVA, F.C.T (org). **História & Religião. VIII Encontro Regional de História**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002, p. 133-144.

FREITAS, Morena B. M. de. **De doces e crianças: a festa de Cosme e Damião no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GOMES, Edlaine de Campos. "Doce de Cosme e Damião: dar, receber ou não?". In: \_\_\_\_\_. (org.) **Dinâmicas Contemporâneas do Fenômeno Religioso na Sociedade Brasileira**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009, pp. 169-187.

GONÇALVES, Renata de Sá. **Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro no começo do século XX**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2003.

HUIZINGA, Johannes. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ISAMBERT, François. "Pour une définition sociologique de la fête". In: \_\_\_\_\_. **Le sens du sacré. Fête et religion populaire**. Paris: Minuit, 1982, p. 148-163.

LANDES, R. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Cosme e Damião: O culto dos santos Gêmeos no Brasil e na África**. Salvador: Corrupio, 2004.

LOPES, Nei. **Dicionário da hinterlândia carioca: antigos "subúrbio" e "zona rural"**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012, p. 110-111.

MAGNANI, José Guilherme. "Practices of Sociality." In: NONINI, Donald. **A Companion to Urban Anthropology**. London: Wiley: Blackwell, 2014, 327-346.

MATTA, Roberto Augusto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MENEZES, Renata de Castro. **Doces santos: reciprocidade, relações interreligiosas e fluxos urbanos em torno à devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / UFRJ, 2013.

\_\_\_\_\_. Doces santos: sobre os Saquinhos de Cosme e Damião. In: GOMES, Edlaine; LINS, Paola. (Org.). **Olhares sobre o patrimônio religioso – Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016, p. 1-23.

\_\_\_\_\_. **Enredamentos entre Religião e Cultura no Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / UFRJ, 2017.

MENEZES, Renata de Castro, BÁRTOLO, Lucas. **Quando devoção e carnaval se encontram**. 2018 (no prelo)

MONTES, Maria Lucia. **Cosme e Damião: a arte popular de celebrar os gêmeos. Coleção Ludmilla Pomerantzeff/Textos** Maria Lucia Montes, Jaime Sodré, Cândido da Costa e Silva. São Paulo: EXPOMUS, 2011.

POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013, p. 977.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Transes em Trânsito: Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: Teixeira, Faustino & Menezes, Renata. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 207-228.

VALERI, Valério. “Festa”. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 30: religião-rito. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p. 402-414,

VAREZZE, Jacopo de. **Legenda áurea: Vidas de santos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

## NOTAS

1. Originalmente estabelecida pelo calendário litúrgico católico – que depois alterou o dia dos santos para 26 de setembro –, a data permanece consagrada na tradição popular como o dia de Cosme e Damião.
2. Ao longo do texto, os grifos em itálico, além de apontar os vocábulos estrangeiros, ressaltam as categorias significativas ao universo pesquisado.
3. Trata-se de um projeto coordenado pela professora Renata de Castro Menezes e desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa em Antropologia da Devoção (Museu Nacional/UFRJ), sob o financiamento da FAPERJ. Cerca de vinte pesquisadores de diferentes níveis de formação colaboraram ao longo dessa pesquisa, cuja equipe permanente é formada pela coordenadora Renata Menezes, por Morena Freitas (Doutoranda PPGAS/MN/UFRJ) e por mim.
4. Epíteto atribuído aos santos por não aceitarem pagamentos por suas curas. O termo anárgiro é proveniente do grego, em que “a(n), privativo, e árguros, dinheiro” (AUGRAS, 2005:94).
5. Sobre a vida e milagres dos santos Cosme e Damião, ver: CARVALHO (1928); FALCI (2002); VAREZZE (2003).
6. Considerando o debate em torno das categorias adequadas à compreensão dos fenômenos que resultam do encontro entre tradições culturais e religiosas, utilizo, aqui, o termo hibridismo não só pela ênfase nos diálogos e negociações que marcam esses processos; mas, sobretudo, como alternativa à ideia de sincretismo, que se faz presente neste trabalho enquanto uma espécie de categoria nativa.
7. Por ser um orixá duplo, ora é referido no plural, ora no singular. Ao longo deste trabalho, utilizo o termo no plural, acentuando o último *i* (Ibejís), tal qual utilizado pela G.R.E.S. Renascer de Jacarepaguá, como veremos adiante.
8. “É aos poucos que tons suaves de rosa e verde começam a dominar os trajes dos santos, em lugar do vermelho vivo do sangue dos mártires e do verde simbólico da esperança de sua ressurreição no Cristo [...] Rosas e azuis se insinuam no avesso de um manto e o planejamento movimentado da vestimenta ou a postura dançarina das imagens setecentistas. [...] A túnica e a casaca com botões [...] são substituídas por uma veste que se encurta, subindo quase até a altura da esclavina e deixando à mostra o culote amarrado à altura do joelho, que acentua o aspecto infantil da figura” (MONTES, 2011:3)
9. Nesse processo de reestruturação dos santos, a tradição popular lhes deu outros nomes – como *dois-dois* (CASCUDO, 1999) – e outros irmãos, sendo sete no total: Cosme, Damião, Douí, Alabá, Crispim, Crispiniano e Talabi (LIMA, 2004).

10. Em 2016, a câmara dos vereadores do Rio de Janeiro propôs um projeto de lei para declarar a “Festa de São Cosme e São Damião realizada no dia 27 de setembro” como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Povo Carioca. Após tramitar pela câmara municipal, o projeto foi vetado pelo prefeito Marcelo Crivella, que também é bispo licenciado da Igreja Universal do Rio de Deus – personagem que retornará mais adiante neste texto por suas notórias críticas à festa carnavalesca. O caso nos faz recuperar que tanto a literatura acadêmica, quanto a imprensa, assim como nossos interlocutores, apontam que a distribuição dos doces estaria sendo combatida por segmentos pentecostais que demonizam essa prática. Seja pela queima dos saquinhos e a distribuição de “doces consagrados” produzindo um contraponto (SILVA, 2006); ou pela recusa, que impõe novos contornos à sociabilidade em torno dos doces e reduz o número de possíveis receptores (GOMES, 2009). Nesse sentido, o veto do prefeito e bispo à patrimonialização da festa pode ser lido enquanto uma reação evangélica a essa prática, desta vez em plano institucional, mas cuja análise foge das possibilidades deste texto. Fonte: VEREADOR ÁTILA NUNES, VEREADOR ZICO. **Projeto de lei nº 2027/2016**. 27 set. 2016. Disponível em: <<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/0/832580830061F318832580360071E899?OpenDocument>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

11. Originalmente nomeado Avenida dos Desfiles quando de sua fundação em 1984, o nome oficial do sambódromo foi alterado para “Passarela do Samba” e depois, em 1987, recebeu o nome que conserva até hoje: “Passarela Professor Darcy Ribeiro”, em homenagem ao principal idealizador desse projeto.

12. Trata-se da sua marca autoral na concepção dos desfiles (SANTOS, 2009) que está intimamente relacionada ao seu pertencimento ao candomblé como babalorixá.

13. Aqui, nos distanciamos do uso desse termo na teoria estruturalista de Lévi-Strauss, em que a imagem da dobradiça remete à articulação entre natureza e cultura pela proibição do incesto.

14. Fonte: CARNAVALESCO. **Barracões da Série A: Renascer vai brincar de criança na Sapucaí**. Rio de Janeiro. 17 de jan. 2016. Disponível em: <<http://www.carnavalesco.com.br/noticia/barracoesdaSerieArenascervaibrincardecriancanasapucaí/15690>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

15. Neste trabalho, *sincretismo religioso* aparece como uma expressão significativa do universo pesquisado.

16. Trata-se de um comportamento dos erês que, quando incorporados pelos filhos de santo nos terreiros, brincam de vender frutas.

17. Ficha Técnica Alegoria 02. Renascer de Jacarepaguá. LIERJ. **Série Avenida**, 2016, p.13.

18. Texto de apresentação da Comissão de Frente da Renascer de Jacarepaguá. LIERJ. Livro Abre-Alas. 2016.

19. Na prática, essas crianças “do dia-a-dia” eram um tanto anacrônicas, acionando um imaginário em torno da infância que também veríamos ao longo do desfile. Os bailarinos usavam vestidos, jardineiras, saias, shorts, suspensórios e blusas em coloridos diversos e com motivos infantis, como flores e brinquedos; distinguindo em blocos de menino e de menina. Os meninos gêmeos vestiam bermuda, camiseta e boné com predomínio dos tons de verde e vermelho, cores que marcam a indumentária em parte da iconografia dos santos Cosme e Damião. A indumentária branca de Doum, por sua vez, remetia às roupas de ração do candomblé, aquelas usadas pelos filhos de santo no cotidiano do terreiro.

20. Trecho do Manual do Julgador (LIESA, 2017).

21. Apesar da gemelaridade implicar na equivalência entre os santos, os bailarinos distinguiram qual irmão cada um representaria pela ordem. O primeiro, à esquerda dos jurados, seria Cosme; o outro seria Damião – acompanhando a distinção corrente entre os devotos.

22. Para retomar algumas falas de Jan, recorro à entrevista realizada em 09 de maio de 2017.

23. Araújo (2010:160) aponta que o Grupo Especial é “uma espécie de grupo-controle, modelo e padrão, já que as escolas estão organizadas hierarquicamente em ordem crescente rumo ao grupo especial”. No entanto, se para escolas dos grupos de acesso B, C, D e E o padrão artístico do

Especial é uma referência ideal, ele parece ser um princípio ordenador do carnaval feito pela Série A; um modelo esperado, a despeito das diferenças financeiras e infraestruturais entre essas duas divisões. Não só porque a vencedora desse grupo ascende ao Especial, mas principalmente porque ambas as competições têm regras e critérios de julgamento bastante similares, sendo as únicas realizadas no sambódromo da Avenida Marquês de Sapucaí e que são transmitidas pela televisão. Embora compartilhem em certa medida os mesmos padrões artísticos, as escolas do Especial e da Série A têm condições de produção do carnaval bem distintas. Enquanto as escolas do Especial utilizam os barracões localizados na planejada Cidade do Samba, desfrutando de condições mais dignas para produção do desfile, as agremiações da Série A, além de disporem de uma verba seis vezes menor que a do Especial, utilizam como barracão os precários galpões na região central e portuária da cidade. Essas diferenças demarcariam não só as possibilidades artísticas, mas também as possibilidades de público, uma vez que os desfiles do Grupo Especial estão inseridos num circuito de turismo internacional e seus ingressos ultrapassam em muito os valores dos demais grupos.

24. Os carnavalescos Alexandre Louzada e Edson Pereira desenvolveram o enredo **As mil e uma noites de uma Mocidade prá lá de Marrakech**, que tematizava Marrocos a partir das histórias e lendas saarianas.

25. Também chamado de Revista Abre-Alas.

26. Agradeço a Felipe Gabriel Oliveira pela generosidade em compartilhar esse material

27. Utilizei as seguintes chaves de busca: Cosme; Damião; Doum; Erê; Ibeji/Ibeiji; Ibejada/Ibeijada; Bejada/Beijada; Dois-dois; Santos meninos.

28. Os itens em questão são: 1) Ficha Técnica do Enredo; 2) Histórico do Enredo (Sinopse); 3) Justificativa do Enredo; 4) Roteiro do Desfile; 5) Ficha Técnica das Alegorias; 6) Ficha Técnica das Fantasias; 7) Ficha Técnica do Samba-Enredo; 8) Ficha Técnica da Bateria; 9) Ficha Técnica da Harmonia; 10) Ficha Técnica da Evolução 11) Ficha Técnica da Comissão de Frente 12) Ficha Técnica do Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

29. Fonte: LIESA. **Carnaval 2018: Abre-Alas**. 2018. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/2018/por/03-carnaval/abrealas/index.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

30. Sinopse do enredo. União da Ilha do Governador. In: LIESA. **Revista Abre-Alas**. Ano V, nº 3, Carnaval 1991.

31. Ala das baianas. União da Ilha do Governador. In: LIESA. **Revista Abre-Alas**. Ano V, nº 3, Carnaval 1991.

32. Carro Cosme e Damião. União da Ilha do Governador. In: LIESA. **Revista Abre-Alas**. Ano V, nº 3, Carnaval 1991.

33. Histórico do enredo. Caprichosos de Pilares. In: LIESA. **Revista Abre-Alas**. Ano VII, nº5, Carnaval 1993.

34. Nesse último eixo, quanto mais afro-referenciado for o enredo, maior será o destaque dos orixás Ibejís, de modo que os santos católicos, quando não são apagados da narrativa, são acionados apenas para localizar os orixás gêmeos no universo religioso brasileiro.

35. Trecho da justificativa do enredo. Estação Primeira de Mangueira. In: LIESA. **Abre-Alas**. Segunda, 2016, p. 285.

36. Fantasia “Salve Cosme e Damião”. Estação Primeira de Mangueira. In: LIESA. **Abre-Alas**. Segunda, 2017, p. 309.

37. Financiada pela FAPERJ, o projeto coordenado por Renata Menezes (PPGAS/MN/UFRJ) é desenvolvido no âmbito do Ludens (Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado).

38. Trecho da justificativa do Enredo. Renascer de Jacarepaguá, 2016.

39. **Salve Jorge! O guerreiro na fé** – G.R.E.S. Estácio de Sá, 2016 (Grupo Especial).

40. **Ogum** – G.R.E.S. Alegria da Zona Sul, 2016 (Série A).

41. **Maria Bethânia – A menina dos olhos de Oyá** – G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, 2016 (Grupo Especial).

42. **O Alabê de Jerusalém, a Saga de Ogundana** – G.R.E.S. Unidos do Viradouro, 2016 (Série A).
43. **Ossain - O poder da cura** – G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel, 2017 (Série A).
44. Trechos da justificativa do Enredo. Unidos de Padre Miguel, 2017.
45. A análise desse desfile, tomando-o como um contraponto ao caso Renascer, tem sido realizada por Nathalia Souza, bolsista de iniciação científica no projeto *Enredamentos*.
46. Fonte: SRZD. **Leia a sinopse do enredo da Flor da Mina do Andaraí para 2018**. 01 Set. 2017. Disponível em: <<http://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/leia-sinopse-enredo-flor-da-mina-do-andarai>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- 

## RESUMOS

Este artigo aborda a tematização dos santos Cosme e Damião nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Ao analisar os enredos em que esses personagens foram apresentados – ora como protagonistas, ora como elementos secundários compondo temáticas diversas – pretende-se mostrar como as narrativas carnavalescas articulam e atualizam um imaginário em torno de Cosme e Damião, chamando atenção para aquelas que sugerem uma relação intrínseca entre esses santos e a cidade.

This article deals with the thematization of the saints Cosmas and Damian in the parades of the samba schools of Rio de Janeiro. In analyzing the plots in which these characters were presented, it is intended to show how the carnival narratives articulate and update an imaginary around Cosmas and Damian, calling attention to those that suggest a intrinsic relationship between these saints and the city.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** Cosme e Damião, Rio de Janeiro, Escola de Samba, Enredo, Imaginário

**Keywords:** Cosmas and Damian, Rio de Janeiro, Samba School, Plot, Imaginary

## AUTOR

**LUCAS BÁRTOLO**

Doutorando em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.